

ECO92 à Rio+20: parte IV, as perspectivas do futuro

Categories : [Colunistas Convidados](#)

Não foi diferente do esperado! Não obstante os 188 países representados, com mais de 100 chefes de estado ou governo presentes, e os cerca de 45 mil participantes, entre delegados (12 mil), observadores de ONGs e equivalentes (10 mil), jornalistas (4 mil) e o que mais puder entrar nessa conta (quase 20 mil), não se foi além das previsões pessimistas de que não obteríamos na Rio+20 nenhum encaminhamento efetivo para o futuro das sociedades humanas no nosso planeta.

Não quero dizer que o planeta, ou mais precisamente a civilização humana globalizada, terá de esperar mais 20 anos para ter alguma resposta organizada à crise ambiental em curso e que se agrava a cada momento, mas não temos nada para celebrar. Com europeus, americanos e japoneses em crise e sem disposição de abrir a carteira, e os emergentes ainda apostando que dá para espremer o planeta até a última gora em benefício do seu crescimento econômico, o paradigma do desenvolvimento sustentável ficou para ser alcançado mais à frente. As autoridades dizem que não andamos para trás. Era mesmo só o que faltava no presente contexto.

Mas o Rio de Janeiro esteve em festa. Hotéis com 95% de ocupação, preços nas alturas, insustentáveis, e passeatas de fazer inveja aos desfiles de escolas de samba – pelo menos na quantidade e qualidade das plumas. Na diversidade ímpar das manifestações, nossos índios e aqueles de outros países não deixaram por menos no show da arte plumária. Coitadas dos ameaçados gaviões reais, araras azuis, papagaios, araras jubas e tantas outras espécies, muitas ameaçadas.

**"Nada de dar valor e
pagar pela
biodiversidade.
Abaixo o capital!
Parece que o melhor
mesmo é ter as
florestas derrubadas,
os rios poluídos e
represados e a
biodiversidade
destruída, pelo**

menos se for preciso pagar para tê-los íntegros."

O Aterro do Flamengo, onde aconteceu a “cúpula dos povos” foi a concentração, a avenida sambódromo e também a dispersão da grande festa. E foi lá que eu vi, irados representantes da sociedade civil rejeitar com veemência o que chamaram de mercantilização da natureza e da vida. Nada de dar valor e pagar pelas florestas em pé! Nada de dar valor e pagar pelos rios vivos! Nada de dar valor e pagar pela biodiversidade. Abaixo o capital! Parece que o melhor mesmo é ter as florestas derrubadas, os rios poluídos e represados e a biodiversidade destruída, pelo menos se for preciso pagar para tê-los íntegros.

Eu não vi, mas nem precisava, porque estavam mais que bem representados pelos chefes de estado e as trupes diplomáticas nacionais presentes, a atuação da turma da indústria do carbono: carvão, petróleo, gás, automóveis e afins. Acho que foi discreta, pois com representação oficial nem precisou se contrapor à sociedade civil com bloco carnavalesco próprio.

Eventos paralelos apontaram o futuro

Mas a Rio+20 dos eventos paralelos também teve momentos de reflexões importantes, eventualmente memoráveis. De partida, no dia 14, aconteceu a “Reunião da indústria pela sustentabilidade”, com direito a palestras de Gro Brundtland, Izabella Teixeira e Antonio Patriota, na qual os diversos setores industriais do país apresentaram propostas de e para a sustentabilidade. No dia 15, o “workshop internacional de negócios e biodiversidade”, evento do Instituto LIFE em parceria com o secretariado da Convenção da Diversidade Biológica e a CNI (Confederação Nacional da Indústria), contou com as presenças de, entre outros, Thomas Lovejoy e Pavan Sukhdev. Em ambos eventos a biodiversidade, a natureza e o meio ambiente tinham valor e o que se buscava, de certa forma, era como dar preço e de quem cobrar. Afinal, se a mercantilização da natureza e do meio ambiente está na raiz dos problemas do planeta, na lógica mercantil o assunto também aparece como parte da solução.

No “Humanidades 2012”, no Forte de Copacabana, tive o prazer de ouvir o filósofo e economista Eduardo Giannetti da Fonseca dizer que as metodologias de cálculo do PIB são, no mínimo, toscas, para então exemplificar: uma comunidade que vive numa condição em que a água é simplesmente captada e distribuída por gravidade e sem tratamento e, por tanto, sem custo, não tem o “valor” desse serviço no PIB; mas se essa mesma comunidade destruir as florestas e poluir a água, que requererá tratamento, em geral caro, aí “custo” vira PIB. Ou seja, destruir gera crescimento do PIB e conservar gera estagnação - fato econômico concreto que é verdadeira estupidez. No mesmo evento foi possível ouvir o economista inglês Tim Jackson defender a prosperidade sem crescimento, que depois do exemplo de Giannetti, parece uma possibilidade óbvia mas que ninguém quer ver.

**"Lovejoy provocou
para que
pensássemos na
possibilidade de
aplicação do
conceito contábil de
depreciação aplicado
a custos como
abastecimento de
água por exemplo,
para a criação de
fundos de
pagamentos pela
manutenção
ecossistemas"**

Na mesma toada Lovejoy provocou para que pensássemos na possibilidade de aplicação do conceito contábil de depreciação aplicado a custos com certos serviços, como abastecimento de água por exemplo, para a criação de fundos de pagamentos pela manutenção de florestas e outros ecossistemas geradores de benefícios associados. Esta uma idéia que tem conexão estreita com a nova Certificação LIFE para negócios e biodiversidade, que reconhece ações de empresas para conservação levando antes em conta sua “pegada ambiental” mas evitando o chamado “greenwashing” (limpeza ecológica da imagem) ou o “pay for trash” (pagar para poluir) e assegurando uma equivalência mínima entre impacto gerado e conservação realizada, numa aproximação do conceito de neutralização de emissões aplicada à biodiversidade. Inovadora, esta iniciativa nacional recebeu as bênçãos do secretariado executivo da Convenção da Diversidade Biológica e está em franca expansão internacional, a começar por cinco países da América Latina. Empresas e marcas como O Boticário e Natura, conhecidas por ações de proteção e uso da biodiversidade, como também a Posigraf, o braço gráfico do Grupo Positivo, poderão se beneficiar da iniciativa, que avança rápido.

Também tem me chamado a atenção os avanços na cadeia do alumínio, produto intensivo em energia e por isso mesmo freqüentemente repudiado, inclusive por mim mesmo. Estimando-se que cerca de 85% de todo alumínio industrializado no planeta desde o início de sua produção no início do século passado siga em circulação útil, via reciclagem, o produto segue de alta utilidade e potencial. Hoje em dia, uma lata de refrigerante ou cerveja leva cerca de apenas 30 dias entre sair da gôndola do mercado e voltar para lá novamente, cheia. A Novelis, multinacional do setor de alumínio laminado, derivada da Alcan e hoje controlada pelo grupo indiano Aditya Birla, com fábricas em mais de uma dúzia de países, entre eles o Brasil, detém cerca de 20% do mercado

mundial de laminados e tem planos arrojados: passar dos atuais cerca de 20% de matéria prima reciclada no processo produtivo para 80% até 2020 (no Brasil já passa de 50%), quando, na prática terá um novo negócio. Nesse processo terá aumentado seu consumo de energia, mas seus clientes, Coca Cola, Jaguar e BMW entre inúmeros outros, contarão com alumínio laminado energeticamente muito mais econômico, com ganhos para toda a cadeia produtiva e o planeta.

Precisamos de mais iniciativas assim, como a da Novelis na eco-eficiência e do Boticário na conservação, dando exemplo no rumo da sustentabilidade, e também de instituições como LIFE reconhecendo esses passos, para que não esperemos pela Rio+40 para, quem sabe, ver os governos adiar de novo decisões urgentes ou, mais provavelmente, discutir quem paga a conta das ações mitigadoras das catástrofes ambientais mais regulares que enfrentaremos.

****Miguel S. Milano** é Engenheiro Florestal, Mestre e Doutor em Ciências Florestais. Ele também é membro do conselho de administração da Associação O Eco, responsável pela publicação do site ((o))eco.*

Leia também

[Os 20 anos entre a ECO92 e a Rio+20: parte I, o processo](#)

[Os 20 anos entre a ECO92 e a Rio+20: parte II, o legado](#)

[ECO92 à Rio+20: parte III, a utopia amaina mas persiste](#)